

A FUGA

LOIS KRUEGER

Num desses dias agitados, em que temos mil coisas diferentes para fazer, Justin, nosso filho de quatro anos, não parava de fazer bagunça. Depois de várias tentativas para fazê-lo ficar quieto, - meu marido o mandou de castigo para o canto da sala.

Justin chorou, esperneou, emburrou e finalmente disse: "Vou fugir de casa." Minha primeira reação foi de surpresa e, irritada, falei: "Ah, vai?" Quando me virei e o olhei, ele parecia um anjo, tão pequeno, encolhido ali no canto, com um ar tão triste. Então, larguei tudo e parei.

Com o coração partido, me lembrei de uma passagem de minha própria infância, quando eu também quis fugir de casa porque me sentia tão rejeitada e incompreendida. Ao anunciar "vou fugir de casa", Justin estava dizendo: "Por favor, prestem atenção em mim. Eu também sou importante. Por favor, façam com que eu me sinta desejado e amado incondicionalmente." "Tudo bem, Justin, você vai poder fugir de casa", falei baixinho para ele, enquanto começava a pegar umas roupas no meu armário e colocar numa sacola.

"Mamãe", ele perguntou, "O que você está fazendo?" "Se você vai fugir de casa, então mamãe vai com você, porque não quero ver você sozinho nunca. Gosto muito de você, Justin.

Eu o abracei e ele perguntou: "Por que você quer ir comigo?" Olhei-o com carinho: "Porque eu gosto muito de você e vou ficar muito, muito triste se você for embora. E também quero tomar conta de você para que nada de mal te aconteça." "Papai também pode ir?"

"Não, papai tem que ficar com seus irmãos, e papai tem de trabalhar e tomar conta da casa quando nós não estivermos aqui."

"O meu hamster pode ir?" "Não, ele também tem que ficar aqui."

Justin parou um instante para pensar e disse: "Mamãe, podemos ficar em casa?" "Claro, Justin, podemos ficar em casa."

"Mamãe."

"O que é, Justin."

"Eu amo você."

"Eu amo você também, querido, muito, muito, muito. Que tal me ajudar a fazer pipoca?"

"Oba! Tudo bem."

Nesse instante me dei conta da maravilhosa dádiva que é ser mãe. De como somos fundamentais quando levamos a sério a responsabilidade sagrada de ajudar uma criança a desenvolver o sentido de segurança e o amor-próprio. Abraçando Justin, percebi que no; meus braços eu tinha o tesouro inestimável da infância, uma pessoinha que dependia do amor e segurança que recebesse, do atendimento de suas necessidades, do reconhecimento de suas características únicas para tornar-se um adulto feliz. Aprendi que, como mãe, jamais devo "fugir" da oportunidade de mostrar a meus filhos que eles são amados, desejados e importantes, o presente mais precioso que Deus me deu.